

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
GERMANO ARTHUR WERNER SATHLER FRAGA**

RITA LEE ATRAVÉS DA CAPA: ESTUDOS DE UMA LINGUAGEM

GERMANO ARTHUR WERNER SATHLER FRAGA

RITA LEE ATRAVÉS DA CAPA: ESTUDOS DE UMA LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Ms. Frederico José Magalhães Simão

Juiz de Fora

2019

WERNER SATHLER FRAGA,
Germano Arthur. Rita Lee através da
capa: estudos de uma linguagem.
Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial à
conclusão do curso Graduação em
Publicidade e Propaganda, do
Centro de Ensino Superior de Juiz de
Fora, realizada no 2º semestre de
2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms Frederico José Magalhães Simão
Orientador

Prof. Ms Gustavo Burla
Membro convidado

Profa. Esp Lucia Schmidt
Membro convidado 2

Examinado(a) em: ____ / ____ / ____

Conceito: _____



Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Publicidade & Propaganda



RITA LEE ATRAVÉS DA CAPA: ESTUDOS DE UMA LINGUAGEM¹

Prof. Ms. Frederico José Magalhães Simão²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Germano Arthur Werner Sathler Fraga³

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

RESUMO

Neste artigo, analisamos a evolução da carreira de Rita Lee utilizando sete capas de seus álbuns. Para isso, os elementos presentes nas capas são analisados através de um processo investigativo pela imagem. A importância da capa de álbum é contextualizada para complementar o trabalho do artista e chamar a atenção do consumidor à obra. Rita Lee desenvolve uma identidade a partir de suas capas, sempre ousando em alguns signos e se mostrando cada vez mais firme ao longo dos anos.

Palavras-Chave: Rita Lee. Música. Capas de álbum. Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Os discos de vinil dominavam o mercado entre as décadas de 1940 e 1980, as artes impressas em suas capas, quando criadas, exerciam o importante papel de chamar a atenção do consumidor à obra e ao artista e apresentá-los de forma objetiva e direta ao público. Com o tempo as artes foram se aperfeiçoando e refletindo cada vez mais a identidade do artista e complementavam o trabalho, transformando-o num todo desde a capa às faixas que continha. Muitos artistas viam como uma maneira de ousar e, assim, chamar ainda mais atenção ao trabalho que

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda

² Professor Mestre do curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Mestre em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

³ Graduando do curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

colocavam nas prateleiras das lojas. Outros viam a chance de colocar os seu rosto também à venda, fazendo com que sua imagem chegasse junto à sua obra (Ribeiro, 2019).

Como imprimiam a identidade do artista e o conceito principal de sua obra, as capas de discos permitem um acompanhamento da carreira do artista, suas ideologias, posicionamentos e força de mercado. A partir disso, nesse artigos analisaremos a carreira da cantora Rita Lee através de sete capas lançadas ao longo de sua carreira musical (1968 – 2012), desde seu início, fazendo parte do trio Os Mutantes, passando por sua fase com a banda Tutti-Frutti, sua parceria com Roberto de Carvalho, chegando, enfim, à carreira solo da cantora. Usaremos, para tanto, um processo investigativo através imagem. Aplicando, ainda, quando necessário, o estudo de Saussure dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos.

Rita Lee é cantora, compositora, multi-instrumentista e considerada a rainha do rock brasileiro e precursora da música Pop no Brasil. Tendo mais de cinquenta anos de carreira, sempre ousou nas suas letras de músicas e capas de álbuns, alcançando a marca de mais de 55 milhões de discos vendidos, o que a colocou no patamar de cantora que mais vendeu discos no Brasil, sendo a quarta do ranking geral de cantoras e cantores brasileiros.

2 DO VINIL AO STREAMING

Em 1877, Thomas Edson – o inventor da lâmpada – patenteou o fonógrafo. Em 1880, o gramofone foi patenteado por Emil Berliner. E aí, então, o mercado foi se aperfeiçoando na área. Foram lançados discos de velocidades e materiais variados. As primeiras versões giraram a 78 RPM (rotações por minuto) e eram feitas de goma-laca, o que os deixava barulhentos e muito frágeis. Em 1948, a Columbia Records produziu um formato de 33 RPM de 12 polegadas de “long play”, que ficou popularmente conhecido como LP (UNIVERSO DO VINIL, 2018).

O primeiro LP produzido foi o *Columbia ML4001*, e foi um “Concerto para violino Mendelssohn em E Menor” do violinista Milstein com a *New York Philharmonic Symphony Orchestra*, conduzida por Bruno Walter. Tempos depois foi desenvolvido, pela RCA Records, um formato de 45 RPM, de sete polegadas de “reprodução prolongada”, que ficou conhecido como EP (UNIVERSO DO VINIL, 2018).

Os EPs e LPs eram produzidos em goma-laca, como dito anteriormente, que

é um material frágil e quebradiço, o que dificultava o transporte e armazenamento dos produtos. Então, tanto a RCA quanto a Columbia, começaram a produzir os EPs e LPs em vinil, um tipo de PVC, material bem mais resistente, leve, de fácil manuseio e que mantinha a qualidade muito maior de som e reprodução, sem chiados ou ruídos (UNIVERSO DO VINIL, 2018).

O vinil, apesar de mais leve, continuava com um tamanho grande, uma média de 30 centímetros de diâmetro, o que dificultava o deslocamento do disco. Surgiram, então, as Fitas K7, lançadas pela Philips em 1973. Por seu pequeno porte e as inovações tecnológicas da segunda metade do século XX, os toca-fitas ganharam versões automotivas e também individuais, como os Walkmans.

Em 1983 surgiram os primeiros *Compact Discs*, mais conhecidos como CDs. O formato ganhou o público de forma notória nos anos de 1990, deixando os LPs e as K7 no ostracismo. Os CDs tinham capacidade de armazenamento muito maior que os LPs e o som ainda mais limpo, já que sua produção era digital e contava com a praticidade de todas as faixas estarem do mesmo lado, sem a necessidade do consumidor ter que virar o disco.

O modelo dominou o mercado até a tecnologia do MP3 se espalhar pelo mundo nos anos 2000, possibilitando o armazenamento de centenas de músicas em aparelhos bem pequenos, como iPod e os MP3 Player.

Atualmente, o modo que mais se consome música no mundo é por streaming. De acordo com o site Época Negócios, esta é a modalidade que mais cresce no consumo de música, estando o Brasil em terceiro lugar no ranking dos países que mais utilizam os aplicativos para consumo e reprodução de música (Época Negócios Online, 2019).

2.1 AS CAPAS DE ÁLBUM COMO MÍDIA

No final dos anos 1930 os discos de goma-laca 78 rotações já faziam muito sucesso e eram distribuídos pelas gravadoras em envelopes com três discos e capas lisas imitando couro, foi quando, em 1938, o norquino Alex Steinweiss foi contratado como o primeiro Diretor de Criação da Columbia Record e percebeu que o espaço da capa poderia ser melhor aproveitado com informações dos discos que estavam dentro. Desenvolveu, então, sua primeira arte de capa para um álbum de coletâneas da *Broadway*. O disco, claro, vendeu mais que os demais discos do

mercado que traziam a capa de papel e esta ideia foi logo reproduzida por todas as grandes e pequenas gravadoras. Alex Steinweiss, como então consultor de criação da Columbia Records, cria o que se tornaria o padrão da indústria: capa individual para os discos, feita com um fino envelope de papelão coberto com papel impresso, com uma pequena lombada suficiente para o nome do artista e do disco e notas sobre o trabalho na contracapa. (MÜLLER, 2015)

Assim que surgiu, o objetivo da capa era diferenciar os discos, tornar mais fácil para o consumidor a identificação. Com o passar dos anos, esse espaço foi ressignificado como um lugar livre para expressão do artista, no qual afirmava seus posicionamentos, expressava imagetivamente suas ideias e construía sua identidade visual. A cada geração de artistas este lugar era ocupado de uma forma, cada vez mais refletindo a personalidade do artista/banda. As capas viraram verdadeiras obras de arte.

Além de retratar a identidade do artista, as capas serviam como atração ao público. Elas eram políticas, minimalistas, irônicas, engraçadas. Eram produzidas capas de toda natureza. Quanto mais polêmica a capa, maior o número de discos vendidos. No Brasil, no período da ditadura militar (1964 – 1985), as capas eram sujeitas à censura tanto quanto as letras das músicas. A capa do disco “Índia”, de Gal Costa, por exemplo, precisou passar por modificações uma vez que agredia os padrões morais da época (Glamurama, 2015).

Outras capas, ainda, tomaram uma proporção maior que o próprio álbum, ou, pelo menos, tanto quanto. É o caso das antológicas "*The Dark Side of The Moon*", do Pink Floyd; "*Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*" e "*Abbey Road*", dos Beatles, "*Nevermind*", do Nirvana ou "*Tropicalia ou Panis et Circencis*", que abriu o movimento tropicalista. Capas que têm histórias e viraram pôster e camisa ao redor do mundo e immortalizaram lugares, tamanha sua influência.

Com o lançamento das Fitas K7, as capas precisaram ser pensadas de maneira estratégica, de modo a dar um significado, pelo estilo, pelas atitudes, pelos comportamentos, ou seja, o resumo do que o artista queria representar, já sabendo da necessidade de adaptação para um formato bastante menor. Passando do quadrado 31x31cm nas capas dos discos para 10x7cm nas fitas. Menos detalhes, menos informações, menos ícones. As fitas vendiam mais pela facilidade que pela beleza. Com os toca-fitas em alta nos anos 1970, a versão em K7 permitia que as músicas fossem reproduzidas nos carros em qualquer lugar, a modernidade do

walkman permitia que fossem reproduzidas durante exercícios físicos, caminhadas, etc. As artes de capa não eram tão exigentes assim, muitas versões em K7 sequer tinham arte de capa que não as informações básicas de artista/banda e álbum (COELHO, 2013).

Com a chegada do CD, nos anos 1980, o espaço cresceu para 12x12 cm e o formato era muito próximo ao envelope dos discos. Então, o cuidado com a capa, o conceito, a identidade do artista, toda a temática do álbum estaria expressa e precisava, novamente, ser pensada e detalhadamente produzida.

Atualmente, com os novos meios de divulgação e reprodução da música, essa mídia continua tendo o importante papel de apresentar o artista ao público, expressar suas ideias, imprimir sua identidade visual e ainda contar uma história solo ou em conjunto. Entretanto, muitas vezes as capas não são mais o primeiro contato do consumidor com o artista. Através de aplicativos de streaming, por exemplo, o consumidor chega antes na música para só depois, quando ela já está em reprodução, ter um contato melhor com a capa, conseguir apreciar os detalhes e identificar o discurso do artista nela (TecMundo, 2009).

Seja política, minimalista, ousada, polêmica, marcante, simples, rebuscada, enfim, toda capa de álbum cumpre uma função importante no produto final e é a maneira mais direta do músico chamar a atenção para sua obra.

2.2 A IMAGEM MODERNA DE REPRESENTAÇÃO DOS ÁLBUNS

Consumir música é hábito comum da humanidade, acredita-se que desde as primeiras tribos que se organizaram na África a música já estava presente cotidianamente (CLAIRE, 2017). Esse hábito não ficou obsoleto, pelo contrário: a música se consolidou ao longo do tempo, foi aprimorada a forma de fazer música, consumir música e, conseqüentemente, de distribuir a música. Antigamente só se ouvia música ao vivo, já que não era possível gravá-las e reproduzi-las, o que mudou radicalmente a história da música e dos músicos com o surgimento do fonógrafo e gramofone e, posteriormente, suas evoluções. Passamos pelos discos, K7s, CDs, MP3, até chegarmos na forma mais barata, rápida e fácil de consumir música: a digital. Seja pelo YouTube ou por canais de streaming como Spotify e Tidal, o acesso à música ficou mais democrático que nunca.

Segundo dados divulgados pela Folha de S. Paulo em Abril de 2019, as vendas de música em formato digital, seja por streaming ou via download,

representam 98% do faturamento do segmento do Brasil. Considerando o recolhimento de direitos autorais com apresentações públicas, cinema e publicidade, por exemplo, a música digital representa 72% do mercado brasileiro. Isso significa que as pessoas voltaram a consumir música depois do advento digital, fazendo com que a indústria saísse do quase recesso que sofreu de 2005 a 2015. (Folha de S. Paulo, 2019)

Essa nova possibilidade de consumo aderida por muitos transforma a maneira de se apresentar o trabalho: no digital não existe o espaço outrora usado no impresso para ficha técnica ou para as letras das músicas que aquele álbum apresenta, as capas continuam sendo tão importantes quanto eram, mas agora com o menor espaço já visto. Se antes as capas sofriam uma diminuição considerável em canais de divulgação on-line, agora o formato chamado *thumbnail*⁴ é o padrão para quem lança um disco atualmente. Com números altos e muito significantes, o formato digital não pode ser deixado de lado e a preocupação com a estética da capa menos ainda. Mais que nunca há uma preocupação com a imagem, o que elas transmitem e o que querem dizer. A identidade do artista ainda tem nas capas dos álbuns o lugar ideal para expressar e chegar até o público.

É possível pensar que hoje não se ouve mais um disco pela capa, que a música chega ao consumidor antes do material completo. A segunda parte é verdadeira. Sempre foi assim, desde os tempos do rádio: uma ou mais músicas de um determinado álbum do artista tocava várias vezes, as chamadas músicas de trabalho, e a partir daí o consumidor chegava ao trabalho completo se deparando, inclusive, com a capa daquele álbum, que via, então, seu conceito, entendia a identidade do artista ou daquele trabalho específico.

O desafio que a indústria fonográfica e artistas independentes enfrentam hoje é o de chamar a atenção para uma arte que não tem tanto espaço para destaque. Não é possível um trabalho muito detalhado em um espaço de 3000x3000 pixels, em resoluções variáveis que fogem ao controle do distribuidor. Mesmo assim, alguns artistas ainda seguem o caminho dos detalhes e funciona, de certa forma, mas não com a força de uma exposição 31x31 cm da capa do vinil, por exemplo, como Luisa Sonza em Pandora, álbum autoral lançado em 2019 em todas as plataformas digitais e nenhuma versão física. Outros artistas que constroem sua carreira desde os

⁴ Thumbnails (unhas do polegar – na designação inglesa) são versões reduzidas de imagens, usadas para tornar mais fácil o processo de procura e reconhecimento.

tempos do vinil precisam adaptar suas capas ao *thumbnail* permanente dos aplicativos e às vezes acabam perdendo pontos importantes da arte na diminuição.

É preciso, mais uma vez, entender o mercado, os consumidores e os formatos para se adaptar às novas formas de vender (muito) música. Sem deixar de lado a importância de apresentar uma boa capa que expresse o conceito do trabalho e, sobretudo, a identidade do artista independentemente da plataforma em que é oferecido e consumido o álbum.

2.3 A IMAGEM DA MÚSICA

A música, enquanto som, assim como texturas, imagens, sabores e cores, é percebida por nós de forma emocional. A maneira como recebemos a música, enquanto interpretantes, na lógica da semiótica peirceana, tende a gerar uma consciência icônica. Ou seja, nós sentimos a música. Não podemos tocá-la, não podemos vê-la, nem sentir seu gosto, mas podemos ouvi-la e traduzi-la internamente, visto que é um signo. Com a impossibilidade de interpretar a música pura em outras esferas, foram criadas formas de aproximar a música do consumidor de forma imagética: primeiro, nos anos de 1930, trabalhando as capas dos álbuns, dando a eles mais uma atribuição e outra forma de interpretação com a imagem. Depois, nos anos 1990, com a popularização dos videoclipes, a forma de apresentar a música mudou ainda mais: passou a ter, além do som, imagens em movimento, efeitos especiais e oferecia ao consumidor uma experiência diferente de só dar *play* na faixa. O formato ganhou o público, principalmente os mais jovens, e se tornou quase uma obrigatoriedade para os novos lançamentos, principalmente quando se trabalha *singles*, forma mais popular entre novos e consagrados artistas atualmente.

Sem dúvida alguma, quanto melhor a experiência, maior o desempenho do produto. Na música não é diferente. E uma forma de aumentar a experiência com música para o consumidor é integrando signos e possibilidades de sentido e interpretação no contexto da obra. Nisso, falamos não só das faixas que compõem um álbum, mas também as outras esferas que o abrangem como a capa desse trabalho, que é um convite ao consumidor a acessar o conteúdo interno do material.

A música não está sozinha, ela vem acompanhada de uma série de signos importantes para sua aceitação no mercado: a melodia, a letra, a apresentação, a imagem do trabalho do qual ela faz parte e, claro, o artista. Com ele, sua história, suas referências, gostos, escolhas, seu estilo de vida e a maneira como carrega o

trabalho em questão (Nassif & Schroeder, 2014).

A música pode, ainda, representar todo um povo e também nichos específicos como adolescentes, adultos, pessoas mais velhas, *drag queens*, emos, LGBTs, pessoas alegres e tristes, conservadores e liberais. Ela agrega e aproxima um segmento de pessoas com gostos parecidos. E essa identidade da música precisa estar clara na forma como é apresentada ao consumidor. (JORNALISMO JÚNIOR , 2017)

Toda essa identidade do artista, o convite ao público, precisa estar claro na representação imagética da obra. Aqui, falamos literalmente da capa do trabalho, sejam *singles* ou álbuns completos de 20 faixas. A imagem da música é, portanto, o que se apresenta antes dela ou conjuntamente com ela. É possível acompanhar o amadurecimento de um cantor, seja como artista ou como pessoa, que fica mais velha ano após ano, através das capas que apresenta seus trabalhos e entender, a partir delas, as possíveis modificações de discurso, de pensamento e ainda de força no mercado fonográfico.

A forma como o artista se apresenta, a maneira que ele escolhe e trabalha os signos naquele material. Como ele resolve se apresentar ao público naquele momento específico e o que é, de certa forma, imposto a ele pela indústria e o reflexo, nas capas, da sua posição no mercado e na mente do consumidor.

3 CASO RITA LEE

Nesta parte do trabalho vamos explorar as representações projetadas nas capas de Rita Lee, para isso, está dividido em uma primeira parte com a breve história da cantora e na segunda parte a observação da linguagem expressa nas capas dos trabalhos *Os Mutantes*, 1968; *Build Up*, 1970; *Babilônia*, 1978; *Rita Lee*, 1979; *Rita Lee e Roberto de Carvalho*, 1982; *Rita Lee*, 1993 e *Reza*, 2012.

3.1 BREVE BIOGRAFIA DE RITA LEE

De acordo com a Autobiografia da cantora (2016), Rita Lee Jones nasceu em 31 de Dezembro de 1947 na cidade de São Paulo, filha de imigrantes italianos, por parte de mãe, e norte-americanos, por parte de pai. Sempre teve, em casa, uma grande influência musical de sua mãe, Chesa, que colocava o piano na calçada nas tardes de sol e tocava para a vizinhança e todos que passavam. Além disso, o rádio

estava sempre ligado nas paradas de sucesso: Emilinha Borboa, Dalva de Oliveira, Inezita Barroso, entre outros.

Na escola a influência musical mudou quando foi apresentada ao primeiro disco de Elvis Presley. Desde então se apaixonou pelo rock e pela irreverência e atitude do novo ídolo. Formou, então, sua primeira banda, a *Teenagers Single*, formada apenas por meninas, colegas da escola. A banda se apresentava nos festivais das escolas de São Paulo, foi onde conheceram os *Wooden Faces*, grupo formado por garotos de outra escola. As *Teenagers* eram boas no vocal, mas pecavam no instrumental, enquanto os *Wooden Faces* eram irretocáveis no instrumental e fracos de vocal. Juntaram as duas bandas e viraram O'Seis.

Entre uma briga e outra saíam integrantes e a banda virou trio, imediatamente batizado de Os Bruxos, formado por Rita Lee e os irmãos Arnaldo Baptista e Sérgio Dias. Eles se destacavam pela irreverência e por um detalhe que chamava muita atenção: eles tocavam instrumentos elétricos até então pouco comuns no Brasil, tão incomuns que aqueles eram fabricados em casa pelo irmão mais velho dos Dias Baptista, César Dias.

Pouco conhecidos, eles foram convidados a integrar o time do novo programa que seria apresentado por Ronnie Von, *O pequeno mundo de Ronnie Von*, que sugeriu que eles mudassem de nome. Ronnie estava lendo o livro *O planeta dos mutantes*, e deu a solução do novo nome: Os Mutantes, imediatamente aceito. Rebatizado, o trio abriu o programa tocando, com guitarras, a *Marcha turca de Mozart*. Os Mutantes foram ganhando espaço na cena *underground* da música paulistana até conhecerem Gilberto Gil, Caetano Veloso e toda a turma que viria a ser os tropicalistas. Com Gil se apresentaram pela primeira vez na televisão acompanhando-o em *Domingo no Parque* no Festival Internacional da Canção de 1967, transmitido pela TV Record.

Os Mutantes tiveram sua formação original, com um ou outro integrante a mais, até 1972, quando Rita Lee foi expulsa já que a banda queria seguir uma linha de rock progressivo e seu estilo não se encaixava mais aos deles. Não demorou muito para que ela recebesse o convite de integrar outra banda e então nasceu Rita Lee & Tutti-Frutti. O nome dela à frente foi uma exigência da gravadora, já que ela vinha se consagrando no cenário musical. Em 1975 eles lançaram o que seria considerado o maior álbum de rock da história do Brasil: *Fruto Proibido*, que traz sucessos como *Agora só falta você*, *Esse tal de Rock Enrow* e a emblemática

Ovelha Negra.

Em 1977, com o Brasil sob regime de ditadura militar, Rita Lee foi presa por porte de maconha em sua casa, em São Paulo. Gilberto Gil havia sido preso dias antes, em Florianópolis, pelo mesmo motivo, como forma de aviso dos militares à juventude que os acompanhava. Rita estava grávida do então guitarrista do cantor Ney Matogrosso, Roberto de Carvalho, e foi tirada da cadeia graças a um escândalo armado por Elis Regina. Cumprindo, agora, regime semiaberto, Rita voltou a se apresentar com os Tutti-Frutti, ora vestida de presidiária, ora com uma bola de peso amarrada à perna.

As coisas não iam muito bem com a banda, então Rita e Roberto se juntaram também na vida profissional. O primeiro álbum juntos saiu em 1979 recheado de grandes sucessos como *Chega Mais*, *Doce Vampiro* e a romântica *Mania de Você*. Nessa fórmula que misturava amor, sexo, rebeldia e ousadia, o casal fez grandes hits como *Lança-perfume*, *Flagra*, *Banho de Espuma*, *Desculpe o auê* e *Baila Comigo*, além de três filhos: Beto, João e Antônio.

Em 2012, Rita Lee se despediu dos palcos, assumiu os cabelos brancos e passou a se dedicar mais à família, aos bichos e a escrever. Lançou, em 2016, *Rita Lee – Uma Autobiografia*, que bateu recordes de vendas, tendo vendido 70 vezes a tiragem média de um livro no Brasil em quatro meses. Lançou, depois, mais três livros: *Dropz* (2017), *FavoRita* (2018) e *Amiga Ursa* (2019), além do relançamento da saga infantil *Dr Alex*, escritos e lançados pela cantora entre 1986 e 1992. Rita Lee é, ainda, a cantora mulher que mais vendeu discos na história da música brasileira, estando em quarto lugar no ranking geral com 55 milhões de discos vendidos.

3.2 RITA LEE PELA CAPA

Rita Lee lançou seu primeiro álbum, ainda como Mutante, em 1968. Desde então não parou mais até 2012, quando se aposentou. Lançando em média um álbum por ano, ela acumula cerca de 40 trabalhos, entre álbuns completos e compactos (também chamados EP atualmente). Façamos, então, um recorte para análise de sete desses álbuns: *Os Mutantes*, 1968, o primeiro; *Build Up*, 1970, seu primeiro disco solo; *Babilônia*, 1975, com Tutti-Frutti; *Rita Lee* (ou *Mania de Você*), 1979, o primeiro com Roberto de Carvalho; *Rita Lee e Roberto de Carvalho* (ou *Flagra*), 1982; *Rita Lee* (ou *Todas as Mulheres do Mundo*), 1993 e *Reza*, 2012, o último de inéditas até hoje.

3.2.1 Os Mutantes, 1968

Era o primeiro álbum do trio, sua estreia no mercado fonográfico. Hoje, Os Mutantes são considerados *cult* e são ouvidos por muita gente jovem e fãs de rock brasileiro e MPB, mas na época eles não vendiam praticamente nada, eram do grupo *underground* da música paulistana, apesar da influência e das parcerias tropicalistas. O álbum traz músicas como *Bat Macumba* e *Baby*, de Gilberto Gil e Caetano Veloso, respectivamente, *A minha menina*, de Jorge Ben e outras de autoria do trio como *O Relógio* e *Trem Fantasma*, nesta também com Caetano.

Na capa, os três, tímidos, estão assentados em uma sala de estar como quem convida alguém a fazer parte da conversa, os três na disposição clássicas de trios dessa formação: dois homens nas pontas e ela ao meio. Olham, desconfiados e atentos, para a câmera como quem encara o espectador. Já com roupas incomuns e em um cenário verde, Os Mutantes chegam às lojas e ao mercado fonográfico com uma nova proposta na maneira de se vestirem e se comportarem, dispostos a fazer a diferença.

3.2.2 Build Up – 1970

Rita Lee havia sido convidada a estrear o desfile da *Rodhia* que anualmente fazia um grande evento com a trilha sonora especialmente composta por um artista para a apresentação que mesclava moda, música e teatro. Nomes como Tim Maia e Bibi Ferreira já haviam ocupado o posto agora de Rita Lee para o *Nhô Look*, o desfile-show daquele ano, que fez tanto sucesso que a gravadora *Phillips* resolveu lançá-lo em disco, o primeiro solo de sua carreira. Músicas como *Sucesso, aqui vou eu*, de Rita Lee e uma versão do clássico *Joseph*, de George Moustaki, escrita por Nara Leão, foram os maiores sucessos do trabalho.

Na capa, Rita, então loira, aparece com seus longos cabelos e a já inseparável franja dando destaque aos seus enormes olhos azuis que estampam cílios desenhados à caneta pela própria. Ela aparece meio cabisbaixa, olhando de baixo quem observa a capa, mas já bastante segura. O nome do álbum é escrito em fonte tipo neon, arredondada, praticamente uma versão anterior às usadas nos letreiros populares dos anos 1980. No rodapé do disco, ondas em *Art Nouveau*⁵

⁵Art Nouveau é um estilo ornamental utilizado em arquitetura, decoração, joalheria, ilustração etc., que se caracteriza pelo uso de linhas longas, ondulantes e assimétricas, muitas vezes apresentando

douradas a compõe. Diferente dos discos d'Os Mutantes e com sua identidade.

3.2.3 Babilônia, 1978

Se no *Build Up* aquela menina loira se apresentava meio tímida na capa do seu primeiro álbum solo, oito anos e oito discos depois, a agora ruiva consagrada como rainha do rock nacional mostra sua força e determinação com apenas um close na capa do álbum com a banda Tutti-Frutti. O nome da banda não entra em destaque nesta capa como aconteceu em todas as outras. Esse álbum foi o último da parceria que já contava com Roberto de Carvalho com um Tutti-Frutti na guitarra.

A luz é trabalhada de forma a dar à cantora uma força de imagem. A sombra traz um ar sombrio do Rock, iluminado, do outro lado, com uma luz que dá bastante destaque à expressão de Rita Lee e deixa seu olhar ainda mais escondido, como quem olha com a cabeça bem erguida para o espectador, como uma rainha. Ou, uma Miss Brasil 2000.

Neste disco, assim como nos outros, todas as faixas têm assinatura de Rita Lee como compositora em parcerias com outros integrantes da Tutti-Frutti como Lee Marcucci e Luis Sérgio Carlini, mas agora tendo como parceiro principal Roberto de Carvalho e várias dela solo. Músicas como *Disco Voador*, *Miss Brasil 2000* e *Jardins da Babilônia* fazem parte do álbum.

3.2.4 Rita Lee, ou Mania de Você, 1979.

Em 1979, Rita lança seu primeiro disco com Roberto de Carvalho como parceiro principal.

Na capa, a cantora olha de lado para o espectador com os olhos abertos e uma maquiagem bem marcada de sombra azul e batom vermelho forte levemente borrado. Com vestido caído, as costas e o ombro ficam à mostra e ela exhibe, na pele, uma “tatuagem” com a logo Rita Lee. Esta capa é um ícone da carreira da cantora e foi reproduzida para o cartaz do musical *Rita Lee Mora ao Lado*, estrelado por Mell Lisboa em 2014. Destaque também para a contracapa que, além da ficha técnica e listagem das músicas dos lados A e B, estampa uma foto do casal Lee e Carvalho com ela grávida do primeiro filho, Beto, e ele com uma guitarra em mãos.

A maquiagem bem marcada e trabalhada na edição da imagem puxa os

elementos que lembram formas da natureza [Floresceu aprox. entre 1890 e 1910 e inspirou-se, em parte, na arte japonesa da gravura.].

olhares para o olho e a boca de Rita. O vestido baixo nos ombros com a logo marcada ali também é um ponto de atenção. O olhar da artista, sua pose, a forma como encara quem admira a capa. O busto inclinado da cantora preenche a capa não deixando faltar nada, sendo uma das capas mais marcantes da cantora e bastante romântica, o que complementa o álbum e inaugura a fase Pop Rock romântico de Rita Lee.

Este disco traz os hits *Chega Mais*, *Doce Vampiro*, *Corre-corre* e *Mania de Você*, além de *Arrombou a Festa II*, continuação da primeira, lançada no disco *Fruto Proibido* (1975), parcerias de Rita Lee e Paulo Coelho.

3.2.5 Rita Lee e Roberto de Carvalho, ou *Flagra*, 1982

É a primeira capa da nova fase em que Rita Lee não está sozinha, mas acompanhada do marido e parceiro musical, Roberto de Carvalho. Casados há cinco anos e pais de três filhos, eles já haviam contado das intimidades da vida a dois nas músicas desde o começo da parceria, mas agora eles se mostram, visualmente, em um momento de intimidade: estão os dois nus e molhados em “um mar de plástico azul, cenário chupado de *E la nave va* do Fellini”, como conta Rita Lee em sua autobiografia (Lee, 2016, p.192).

A capa é uma das mais ousadas da trajetória de Rita Lee. Os dois se apresentam juntos em uma capa de disco pela primeira vez e são o destaque total: além da suposta nudez, que já chama atenção por si só, os dois estão no meio de uma totalidade de azul: formando o céu e o mar. Tons diferentes, movimentos imitando as ondas, mas a luz central é do casal, que realça com o branco das peles e o vermelho do cabelo de Rita Lee em destaque pela luz. O nome dos dois no canto esquerdo é quase dispensável: o destaque é todo do casal.

Flagra, *Só de Você* e *Cor-de-rosa choque* são algumas das faixas do disco que tem a participação de João Gilberto em *Brasil com S*.

3.2.6 Rita Lee, ou *Todas as Mulheres do Mundo*, 1993

A parceria musical com Roberto de Carvalho entra em recesso. Este é o segundo disco de sua nova carreira solo, sem Roberto, o anterior foi uma releitura em Bossa Nova dos clássicos da cantora até então. É o 25º álbum de sua carreira.

A capa é uma ruptura com o que estava fazendo nos últimos anos, revisitando o gosto da artista por bustos estampando suas capas. São sete rostos de Rita Lee,

alguns em fotografia, outros em vetor, mas todos com a identidade da artista. Cada cabelo de uma cor, uns olhos azuis, outros verdes, outros vermelhos, os cabelos acompanham esta paleta. No canto superior a marca do primeiro álbum solo: os cílios à caneta; e a marca da sua primeira apresentação em *Domingo no Parque*: o coração desenhado na bochecha. São muitas cores, referências e ousadia na escolha dos signos muito bem trabalhados e distribuídos.

Todos os rostos apresentados, vetores e fotografias, entregam facilmente que são de Rita Lee independente da cor dos olhos ou cabelos. Em qualquer estilo de cabelo representado é possível identificar a artista pelos traços e poses. Uma capa estilo *Pop Art*⁶, cheia de referências e brincadeiras. Cores fortes se dividem nas funções em cada uma das faces: vermelho, verde, azul e rosa, com os rostos em branco, na sua maioria, com um fundo *yellowgreen* de bolinhas verdes. Força e delicadeza, a essência deste álbum também chamado de “Todas as mulheres do mundo”.

3.2.7 Reza, 2012

Este é o 40º e último álbum da carreira musical de Rita Lee até hoje, lançado três meses depois da aposentadoria da cantora, em Janeiro de 2012. O casal Lee e Carvalho já havia reatado na música há algum tempo.

É uma capa psicodélica, acompanhando as faixas do álbum ineditamente eletrônicas, remixadas por João Lee, segundo filho do casal, tem os olhos azuis e franja vermelha de Rita formando uma mandala sob fundo azul, com nome da artista e álbum em disposição de palavras-cruzadas, em que o mesmo “R” começa as duas palavras – “Reza” e “Rita”. O rosto da cantora não aparece. Um sentimento de despedida dos álbuns, saindo da indústria fonográfica para ficar na história da Música Brasileira, como a mulher que reinventou o Rock e inventou o POP Brasileiro.

Sem a necessidade de apresentar seu rosto por completo, a capa delata que aquele trabalho é de Rita Lee pela marca dos olhos azuis e cabelos vermelhos com franjas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ Pop Art é a abreviatura em inglês de Popular Art ("Arte Popular", em português), um movimento artístico que surgiu em meados dos anos 1950, com o objetivo de "abraçar" e desconstruir imagens pertencentes às culturas de massa, a chamada "cultura pop".

Entendemos, através deste estudo, a evolução da forma de ouvir e consumir música ao longo das décadas, a importância de capas bem estruturadas para o complemento da obra do artista e usamos esses conhecimentos, para, atrelados à Semiótica, analisar o discurso e carreira da cantora Rita Lee em um recorte de sete de seus álbuns.

Acompanhamos, nesta pesquisa, seu destaque nas capas e a relevância de informações como nome do álbum e da artista atrelados à sua imagem, que foi se consagrando ao longo dos anos. Portanto, ao observar as capas de álbuns de Rita Lee, nota-se o uso de signos que a traduzem, como cabelo e olhos, que dispensam mais informações.

A forma de se comunicar muda de acordo com sua ascensão no cenário da música. À medida que é consagrada como rainha do rock, informações comuns deixam de aparecer em destaque dando lugar à imagem da artista, o que acontece até seu último lançamento, quando nem mesmo seu rosto aparece, mas a identidade Rita Lee continua forte e presente. Tão forte e tão presente que sua música passa de geração em geração inspirando e embalando pessoas de todas as idades.

ABSTRACT

In this article, we analyze the evolution of Rita Lee's career using seven album covers. For this, the elements present in the covers are analyzed through an investigative process by the image. The importance of album cover is contextualized to complement the artist's work and draw the consumer's attention to the work. Rita Lee develops an identity from her covers, always daring in some signs and showing herself steadily over the years.

Key Words:

Rita Lee. Music. Album Covers Communication.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lucas. Thumbnail: o que é e por que ela é importante para seus vídeos? **ROCKCONTENT**, 06 de Abril de 2018. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/thumbnail/>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2019

BRANDÃO, Monique. De Disco para Digital: a história única dos formatos de música. **LANDR**, 23 DE Outubro de 2017. Disponível em: <<https://blog.landr.com/pt-br/historia-dos-formatos-de-musica/>>. Acesso em: 08 de Setembro de 2019.

Chame-o pelo nome: A importância da representatividade na música. **Jornalismo Júnior**. 6 de Dezembro de 2017. Sala 33. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/chame-o-pelo-nome-a-importancia-da-representatividade-na-musica/>>. Acesso em: 21 de Setembro de 2019

CLAIRE, Charlotte. A origem da música na humanidade. **OBVIOUS**, 2017. Artes e ideias. Disponível em: <http://obviousmag.org/a_dama_celebre/2017/a-origem-da-musica-na-humanidade.html>. Acesso em: 08 de Setembro de 2019.

COELHO, Taysa. Fita Cassete completa 50 anos; veja o que mudou em cinco décadas. **TECHTUDO**, 13 de Setembro de 2013. Informática. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/09/fita-cassete-completa-50-anos-veja-o-que-mudou-em-cinco-decadas.html>>. Acesso em: 10 de Setembro de 2019.

CORDEIRO NASSIF, Silvia; SCHROEDER, Jorge Luiz. **Música e Imagem: construindo relação de sentido**. Campinas: Leitura: Teoria e Prática, 2014.

DE SÁ NOGUEIRA, Letícia. **Fotografia de moda: linguagem e produção de sentido**. Juiz de Fora: CES Revista, 2012.

DIGITAL JÁ REPRESENTA 98% DO CONSUMO DE MÚSICA NO BRASIL, DIZ ESTUDO. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 2, Abril de 2019. Folha Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/digital-ja-representa-98-do-consumo-de-musica-no-brasil-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 03 de Setembro de 2019.

Foto do álbum “Índia”, de Gal Costa, é liberada depois 40 anos de censura. **GLAMURAMA**, 10 de Janeiro de 2015. Notas. Disponível em: <<https://glamurama.uol.com.br/foto-do-album-india-de-gal-e-liberada-depois-de-40-anos-de-censura/>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2019.

GOOGLE. Dicionário online do Google, “Art Nouveau” 17 de Outubro 2019. Disponível em <<http://www.google.com/dictionary>>. Acesso em 17 de Outubro de 2019.

LEE, RITA. **RITA LEE – UMA AUTOBIOGRAFIA**. São Paulo: Globo Livros, 2016.

Quem inventou o disco de vinil?. **Super Interessante**, 2 de Abril de 2018. Blog do Oráculo. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/quem-inventou-o-disco-de-vinil/>>. Acesso em: 08 de Setembro de 2019.

RIBEIRO, Kelly. Quem inventou as capas de disco como conhecemos hoje? **REVERB**, 28 de Fevereiro de 2019. Disponível em: <[https://reverb.com.br/artigo/quem-inventou-as-capas-de-discos-como-conhecemos-
hoje](https://reverb.com.br/artigo/quem-inventou-as-capas-de-discos-como-conhecemos-hoje)>. Acesso em: 23 de Setembro de 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Primeiros Passos, 103).

SIGNIFICADOS. Dicionário online Significados, "Pop Art" 17 de Outubro 2019. Disponível em <<https://www.significados.com.br/pop-art/>>. Acesso em 17 de Outubro de 2019.